



Sabela e o dilúvio: A reescrita da gênese do povo brasileiro

*Sabela and the flood:
The rewriting of the Brazilian's genesis*

*Sabela y el diluvio:
Una reescritura del Génesis del Pueblo brasileño*

Pauline Champagnat ¹
Université Rennes 2 (UR2, França)

RESUMO

O presente artigo pretende investigar o conto “Sabela”, de Conceição Evaristo, como uma possível reescrita da gênese do povo brasileiro. Para refletir sobre o tema, iremos, em primeiro lugar, pensar sobre os mitos e a memória coletiva, sendo elas parte do que nós chamamos de “lembranças fundadoras”. Em seguida, iremos estudar a oposição presente entre a cultura letrada e os saberes populares, para entender os pontos de discordância emanantes dessa dinâmica. Para terminar, falaremos sobre a importância da transmissão da memória. Nesse caso, um destaque especial será dado à transmissão oral das histórias por um povo marginalizado. Por isso, a teoria de Pollack (1993), sobre as “memórias subterrâneas”, constituirá um alicerce teórico fundamental para o nosso raciocínio. Veremos a importância do papel do escritor no resgate e na transmissão da memória coletiva, que, no caso de Conceição Evaristo, foram transmitidas oralmente num quadro informal (familiar ou comunitário), para depois serem colocados na escrita.

Palavras-chave: Sabela; Conceição Evaristo; dilúvio; transmissão; memória.

ABSTRACT

This article's aim is to investigate Conceição Evaristo's “Sabela”, as a possible rewriting of the genesis of Brazilian nation. In order to reflect about this subject, we will, in the first place, think about the myths and collective memory, including them as “founding memories”. Secondly, we will think about the opposition between literary culture and popular knowledges, in order to figure out the main contentious issues that comes from this dynamic. Finally, we will talk about the importance of the transmission of the memories. In this case, a special emphasis will be stressed on oral transmission of stories from marginalized people. That's why Pollack's theory (1993), referring to the “subterranean memories”, will establish a fundamental theoretical foundation for our reasoning. We will see the importance of the role of the writer in the recover and the transmission of collective memory, that, in Conceição Evaristo's case, has been passed on orally in an unformal structure (familiar or comunal), to be thereafter put into writing.

Keywords: Sabela; Conceição Evaristo; flood; transmission; memory.

¹Doutora em Literatura pela Universidade Université Rennes 2 (França), com a seguinte tese : « Littérature et identités minorisées dans les œuvres de Conceição Evaristo (Brésil) et Paulina Chiziane (Mozambique) ». Membro associada à equipe de pesquisa ERIMIT (Université Rennes 2). Pós-doutoranda na Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora adjunta no departamento da Universidade Rennes 2 (França). <https://orcid.org/0000-0002-4345-8500> Endereço eletrônico: pauline.champagnat@hotmail.fr



RESUMEN

El presente artículo pretende investigar el cuento “Sabela”, de Conceição Evaristo, como una posible reescritura del Génesis del Pueblo brasileño. Para reflexionar sobre el asunto, iremos, al principio, pensar sobre los mitos e la memoria colectiva, siendo estas partes de lo que nos llamamos de “recuerdos fundadores”. Después, iremos estudiar la oposición presente entre la cultura erudita e los saberes populares, para entender las discrepancias derivadas de esta dinámica. Para terminar, hablaremos sobre la importancia de la transmisión de la memoria. Em este caso, un enfoque especial será dado a la transmisión oral de las historias por un pueblo marginado. Por eso, la teoría de Pollack (1993), sobre las “memorias subterráneas”, constituirá un sustento teórico fundamental para el nuestro raciocinio. Veremos la importancia del papel del escritor no rescate e la transmisión de la memoria colectiva, que, em el caso de Conceição Evaristo, habían sido transmitidas oralmente en una estructura informal (familiar o comunitario), para después serán colocados en la escrita.

Palabras-clave: Sabela; Conceição Evaristo; diluvio; transmisión; memoria.

Introdução: Mitos e memória coletiva (lembranças fundadoras)

A evocação dos mitos de origem no contexto de um passado mítico pode servir de elemento de reparação para uma comunidade que sofreu opressões no presente da narrativa. Conceição Evaristo, na sua escrita, sempre destaca a revalorização da cultura afro-brasileira, com a evocação de lembranças fundadoras positivas para essa comunidade, que divergem das que são geralmente apresentadas pela História oficial. Aqui, a recuperação de um passado mítico pode desempenhar um papel fundamental para uma comunidade que sofreu com a desvalorização da sua cultura e da sua história. Pode também possuir um teor compensatório pelas discriminações sofridas no presente.

Para Mircea Eliade, a realidade cultural do mito é extremamente complexa, por isso, podemos abordá-lo a partir de perspectivas múltiplas e complementárias (ELIADE, 1963, p. 16). Édouard Glissant qualificou os descendentes de africanos levados à força para as Américas de ‘migrantes nus’. Essa nudez simbólica faz referência a uma ruptura na cadeia de transmissão cultural de uma geração para a outra ocasionada pelo tráfico negreiro. Mesmo com a dispersão das famílias e da dificuldade de reconstituir fragmentos de uma história passada, alguns dados culturais vindos da África não desapareceram, apesar da proibição feita aos escravos de falar suas línguas maternas, ou praticar sua religião.

Apesar de tudo, fragmentos de histórias foram conservados no decorrer do tempo. Esses fragmentos estão na base da formação da cultura afro-brasileira. Falamos de fragmentos pois os escravos levados ao Brasil provinham de regiões e grupos culturais diversos na África.



Além disso, a ruptura representada pela condição de escravo tornou ainda mais complexa a conservação dessas culturas compósitas.

Ainda que, em aparência estejam totalmente afastados do contexto presente, os mitos de origem apresentam uma forma de modelo: “Em outras palavras, um mito é uma história verdadeira que ocorreu no começo dos tempos, e serve de modelo aos comportamentos humanos. Ao imitar os atos exemplares de um Deus ou herói mítico, ou simplesmente ao contar suas aventuras, o homem das sociedades arcaicas se destaca do tempo profano e encontra magicamente o Tempo Grande, o tempo sagrado.” (ELIADE, 1957, p. 22)²

Ademais, cada mito deve ser analisado a partir do contexto peculiar no qual surgiu. É ancorado numa realidade cultural, por isso, é necessário possuir os códigos culturais para poder decifrá-los. Sendo histórias que pertencem ao domínio do sagrado, são automaticamente consideradas ‘sagradas’ e ‘verdadeiras’, pois como o explicou Mircea Eliade: “O mito é considerado como uma história sagrada, e por isso uma ‘história verídica’, porque sempre se refere a realidades. O mito cosmogônico é ‘verdadeiro’ porque a existência do mundo está aí para prová-lo; o mito de origem da morte é igualmente ‘verdadeiro’ pois a mortalidade do homem o comprova, e por aí vai. » (ELIADE, 1963, p. 17)³

Os mitos de origem servem para explicar a aparição de uma tradição ou de uma instituição e são muitas vezes ligados à cosmogonia de um povo. As histórias míticas podem servir a “prorrogar a cosmogonia” (ELIADE, 1963, p.35).

Podemos notar o quanto o discurso mítico faz alusão a uma compensação no passado por uma opressão vivida no presente. Como afirmou Lévi-Strauss: “O Mito é a expressão de um pensamento que surgiu do fundo das idades, tutora irrecusável, que oferece um espelho engrandecedor no qual, de forma maciça, concreta e com imagens, se refletem alguns dos

² Tradução nossa : « Le mythe raconte une histoire sacrée, c’est-à-dire un évènement primordial qui a eu un commencement du temps, *ab initio*. Mais raconter une histoire sacrée équivaut à révéler un mystère, car les personnages du mythe ne sont pas des êtres humains : ce sont des dieux ou des héros civilisateurs, et pour cette raison leur *gesta* constitue des mystères. » (ELIADE, p. 85)

³ Tradução nossa : « « Le mythe est considéré comme une histoire sacrée, et donc une “histoire vraie”, parce qu’il se réfère toujours à des *réalités*. Le mythe cosmogonique est “vrai” parce que l’existence du Monde est là pour le prouver ; le mythe de l’origine de la mort est également “vrai” parce que la mortalité de l’homme le prouve, et ainsi de suite. » (ELIADE, 1963, p. 17)

mecanismos aos quais é atribuído o exercício do pensamento” (LÉVI-STRAUSS, 1985, p. 268)⁴.

Além da função reparadora, o mito possui a capacidade de interrogar e incitar à reivindicação dos seus direitos pelos negros brasileiros na contemporaneidade. O recurso às narrativas míticas é uma forma de resistência contra a marginalização e o apagamento da memória cultural afro-brasileira.

O conto “Sabela”, de Conceição Evaristo, parece se enquadrar nessa dinâmica. É o último conto da coletânea *História de leves enganos e parecenças* (2016). Dividido em três partes, ele narra um dilúvio que ocorreu na cidade de onde Sabela e sua família são originárias. A primeira parte relata o episódio a partir do olhar retrospectivo de Sabela ainda criança. A perspectiva infantil sobre o mundo, a sociedade e o próprio acontecimento do dilúvio, permite questionar dinâmicas de poder e a ordem social estabelecida, que não parecem fazer tanto sentido para uma criança. Na segunda parte, Sabela se preocupa em trazer diversas narrativas e pontos de vista do mesmo acontecimento, já admitindo as falhas da própria memória e das inevitáveis divergências de perspectiva características de cada um. As pessoas escolhidas para contar suas próprias recordações do dilúvio são aqueles que se salvaram, e que representam parcelas da sociedade geralmente marginalizadas ou que sofreram abusos: um patriarca de uma aldeia indígena, uma mãe solteira, um anão, um seminarista que se despiu tanto das roupas quanto de alguns preconceitos do cristianismo, uma vítima de abuso sexual, uma criança com deficiência física e uma pessoa renegada pela família. A terceira parte, contada por Sabela, é construída como uma síntese, uma conclusão das duas partes anteriores. No entanto, admite ter plena ciência de que ainda pode haver falhas na memória e na transmissão das lembranças.

Em várias civilizações, o tema do dilúvio foi central em diversos mitos de origem. De maneira quase sistemática, o mundo antes do dilúvio apresentava desequilíbrios e injustiças, e as águas chegavam para castigar os humanos. De forma recorrente, existe a ideia da necessidade da salvação de alguma porção da população. As referências bíblicas à Arca de

⁴ Tradução nossa : « Le Mythe est l’expression d’une pensée surgie au fond des âges, tutrice irrécusable, qui nous tend un miroir grossissant où, sous forme massive, concrète et imagée, se reflètent certains des mécanismes auxquels est asservi l’exercice de la pensée. » (LÉVI-STRAUSS, 1985, p. 268).



Noé são numerosas no conto, no entanto, não constituem o único alicerce cultural e simbólico do conto, já que o sincretismo religioso aparece como fator marcante da narrativa: “Vendo as águas prenunciadoras de um novo dilúvio, desta vez sem a arca e o seu comandante, Mamãe buscava salvar o mundo.” (EVARISTO, 2016, p.61). Aqui, existe uma releitura do mito bíblico da Arca de Noé, só que desta vez a partir da perspectiva e protagonizado por uma mulher negra, descendente da nação “Sabela”.

Apesar do mito de Sabela ter sido inventado, podemos considerar que isso demonstra a autenticidade da cultura oral do autor, capaz de criar um mito plausível, pertencente ao seu ‘repertório étnico’, segundo o termo empregado por Dérive (2005). Ao ler o conto, nos deparamos com a riqueza do ‘repertório étnico’ da Conceição Evaristo, que dá importância a todos os elementos culturais, sem hierarquizá-los, como nós veremos mais adiante.

Conceição Evaristo procura conferir um sentido atual ao mito, para tentar explicar os problemas aos quais o mundo contemporâneo é confrontado. A própria imagem do dilúvio, em várias culturas sempre foi sinônimo de um recomeço, um novo mundo para reconstruir depois da passagem de águas torrenciais, que, simbolicamente, lavaram e livraram a terra e os homens de todos os seus males.

O conto é marcado por irrupções de elementos fantásticos que entram em sintonia com a visão sincretista que Conceição Evaristo queria propor. Podemos citar o exemplo do parto da mãe de Sabela, num rio que estava seco por anos e voltou milagrosamente a encher. Como explicou Sousa (2016), no posfácio do livro *História de leves enganos e parecenças* (2016), isso faz com que o leitor tenha que desconstruir um possível viés crítico ocidental ao ler o conto, e tenha que se abrir para outras culturas e concepções do religioso. (SOUSA, 2016, p.106)

Essas aparições do insólito em vários momentos do conto aproximam o estilo narrativo de Conceição Evaristo de um “realismo animista”, termo que teria sido cunhado pelo escritor angolano Pepetela. Isso faz com que o estilo literário dela tenha, sem sombra de dúvida, raízes nas tradições narrativas africanas:

Podemos construir, apoiados/as nesse ponto de vista, uma possível via de reflexão sobre a estratégia de inclusão do imprevisível nas novas narrativas de Conceição Evaristo. A incursão da imprevisibilidade, isto é, do estranho nos contos e na novela parece mais se aproximar do que se concebe como realismo animista (termo



cunhado pelo escritor angolano Pepetela), perspectivado em diversas narrativas africanas. Isto porque a existência da atuação de forças da natureza, da alteração dos fenômenos que modificam a ordem natural das coisas, a crença em entidades capazes de intervir na rotina dos personagens, etc. são estratégias concebidas por um modus operandi revelador da maneira de pensar, de ser e de existir de uma dada comunidade cujas origens advêm da diáspora africana. (SOUSA, 2016, p.106)

Assim, a presença de insólito revela a sua herança africana, e constitui uma característica importante da comunidade de afro-brasileiros originária da diáspora africana. Esses saberes, essas tradições sobreviveram em grande parte graças à oralidade, que foi a ferramenta potente de conservação das memórias transatlânticas, como veremos mais adiante, na segunda parte, “A reescrita da História.” Num primeiro tempo, parece-nos fundamental interrogar-se sobre as oposições entre cultura letrada e saberes populares, e de que maneira elas se destacam no conto para propor novas leituras culturais do povo brasileiro.

A metáfora da água foi constantemente usada em narrativas há milenares, no entanto, a narrativa de Sabela propõe a ideia de uma revitalização do poder feminino e da instalação de uma nova ordem, como o explicou Sousa:

Na perspectiva das narrativas tradicionais, a metáfora da água remete ao “princípio de todas as coisas”, “elemento primordial” (Aristóteles), ou “espelhamento do mundo” (Narciso) e quando ligado ao corpo feminino traz o sentido da fertilidade, flexibilidade e instabilidade. Como fonte de desequilíbrio e destruição aparece preponderante como elemento de mudança na iconografia do dilúvio. Na atualidade, por seu turno, o elemento água, especialmente nas produções de artistas femininas (Marina Abramovic, Teresa Margoles), remete à continuidade da vida, extensão do corpo humano, dentre outras perspectivas, quando se faz urgente evidenciar e amenizar as dores femininas no mundo. “Assim tudo se deu”. A simbologia das águas em *Histórias de leves enganos e parecenças* decorre de vários parâmetros em que os enredos vão se firmando, quer no intuito de aplacar a maldição e afrontar a fúria do abuso do poder, quer para revitalizar a crença ancestral, o poder feminino e a instalação de uma nova ordem. (SOUSA, 2016, p.109)

A água, se concebida, como na visão aristotélica, como “o espelhamento do mundo”, estaria, no início do conto, representando um mundo injusto e desigual. O dilúvio, além de servir inicialmente de ‘espelho’ pelas injustiças sofridas pelos marginalizados da sociedade, acaba por se transformar num elemento criador que teria o poder de colocar todo mundo no mesmo plano, independentemente da cor, do gênero, da etnia ou das posses financeiras:



Em meio a corpos de todos os tamanhos, cor, sexo, condição social e idade, nadavam, também vertiginosamente, cofres arrancados dos bancos que desminlinguiam feito caixas velhas de papelão. Na enxurrada, dinheiro e documentos escapavam como água escorrendo por entre os dedos. Parece-me que só Sabela continuava intacta. (EVARISTO, 2016, p.68-69)

No conto “Sabela”, existe a representação de uma sabedoria milenar na personagem de Sabela. O próprio nome “Sabela” remete à noção do saber e poderia ser visto como uma possível outra forma de escrever a palavra “sábio” na sua forma feminina. Os seus conhecimentos pertencem a um grupo social marginalizado no Brasil, os afro-brasileiros. Além disso, são saberes que foram transmitidos oralmente de uma geração para a outra. Daí o desprezo das elites pelos avisos desesperadamente lançados por Sabela e seu ‘corpo sábio’, para que todo mundo possa se prevenir do futuro dilúvio.

Nas duas partes a seguir, refletiremos sobre a oposição entre cultura letrada e as outras sabedorias, na sua maior parte representadas por Sabela, mas não só, já que o sincretismo cultural e religioso constitui um alicerce importante para a narrativa. Em seguida, iremos pensar sobre a preservação e da transmissão dessas memórias orais, a da importância de colocá-las no mesmo plano de que as outras narrativas provenientes da História oficial brasileira.

1. Cultura letrada/outras sabedorias

O termo ‘escrevivência’ inventado por Conceição Evaristo para definir sua obra ressalta a importância da vivência para a criação literária. Esse neologismo é composto por dois termos divergentes em sua essência – escrever e vivência– pois o primeiro se refere à escrita, enquanto o segundo evoca a transmissão das histórias através da oralidade. Essas memórias orais entram em contradição com a ‘memória oficial’ e dão voz às minorias.

Vale lembrar que, até então, as histórias dos afro-brasileiros eram passadas num quadro de oralidade. Isso fez com que, até muito recentemente, com o reconhecimento da qualidade literária de autores como Conceição Evaristo, poucos autores identificados como negros brasileiros tinham entrado no cânone da literatura brasileira (não mencionamos aqui o caso de Machado de Assis e Lima Barreto, por não se identificarem como afro-brasileiros e

nem ser reconhecidos como tais). Essa ausência de autorias de afrodescendentes dentro do padrão literário brasileiro o empobreceu consideravelmente.

Por outro lado, gostaríamos de emitir a hipótese de que, por não ter sido submetidas ao controle das autoridades e da censura, as histórias transmitidas oralmente na comunidade afro-brasileira poderiam ter desfrutado de uma maior liberdade. A ideia de uma necessidade de inversão da ordem hierárquica injusta é onipresente nas narrativas de Conceição Evaristo e pode ter sido fomentada através das histórias passadas oralmente de uma geração para outra, num quadro comunitário ou familiar. Inevitavelmente, são aspectos que se refletem nas escolhas temáticas:

Quanto às vigas temáticas que vigoram, além doutras, enfatizam-se as que vêm sendo basilares da prosa e da poesia de Conceição Evaristo, a saber, a evocação à história dos afro-brasileiros e brasileiras, ressaltando como fonte a oralidade; a concepção de uma cosmogonia híbrida, plural, em que os contatos culturais são mediados pelo sincretismo que, em meio ao conflito, a ordem hierárquica é subvertida; o subalterno como sujeito consciente de sua condição e realidades, sempre em busca de resistir às pressões do status quo que engendram as relações de poder demarcadas pela herança escravocrata; a força feminina como “fêmea-matriz” e “força-motriz” da comunidade/ sociedade em que está inserida; a força ancestral como guia para o enfrentamento contra preconceito e a discriminação do povo negro (SOUSA, 2016, p.107-108).

Como Conceição Evaristo explicou, não havia muitos livros em sua casa, porém, as histórias eram numerosas. Sendo assim, podemos emitir a hipótese de que a oralidade desempenhou um papel fundamental na sua formação de escritora, além da sua formação como pessoa. Isso não significa que estejamos achando algum aspecto positivo na exclusão das vozes africanas e ameríndias no Brasil. A maior liberdade de tom nas histórias contadas oralmente, já que não submetidas a nenhum órgão de poder regulador, é uma consequência indireta da marginalização e do silenciamento das memórias afro-brasileiras. A necessidade de transcrever todas essas vozes na escrita poderia ser interpretada como uma necessidade de lhes conferir certa legitimidade e um reconhecimento da parte das tradicionais instituições hegemônicas do poder. Segundo Pollak, a emergência de memórias subterrâneas pertencendo a culturas minoritárias muitas vezes passou pela oralidade:



Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral destacou a importância das memórias subterrâneas, as quais, sendo parte integrante das culturas minoritárias ou dominadas, se opõem à “memória oficial”, no caso, a memória nacional. Num primeiro tempo, essa perspectiva faz da empatia com os grupos dominados estudados uma regra metodológica e reabilita a periferia da marginalidade. Diferentemente de Maurice Halbwachs, põe em evidência o teor destruidor, uniformizante, opressor da memória coletiva nacional. Aliás, essas memórias subterrâneas que prosseguem com seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase despercebida, aflorando em momentos de crise, com bruscos sobressaltos exacerbados. A memória vira uma aposta. Os objetos de pesquisa são preferencialmente escolhidos onde há conflito e competição entre memórias concorrentes (POLLAK, 1993, p. 18)⁵.

Em “Sabela”, os indícios da oralidade são numerosos. Por exemplo, o uso da expressão “repito” em diversos momentos da narrativa, ou “volto a repetir” (EVARISTO, 2016, p.79). A expressão: “Assim tudo se deu” (EVARISTO, 2016, p.64), por sua vez, confere um teor bíblico à narrativa. A forma circular do conto, outro aspecto da oralidade, faz com que ele comece e termine com a exata mesma frase: “O corpo da minha mãe dava sinal do tempo”. (EVARISTO, 2016, p.60)

O corpo de Sabela, como o explica a filha, era ‘sábio’. No entanto, é uma sabedoria baseada em raízes ancestrais que não parecem bem aceitas pelas autoridades da cidade, que, simbolicamente representam o poder hegemônico do Estado brasileiro que sempre se recusou em considerar plenamente os saberes ancestrais africanos:

E naquele dia, apesar do tempo ser de seca, o corpo de Mamãe anunciava chuva. A nossa casa amanhecera dando sinais de alagamentos futuros. Acordei escutando e sentindo movimentos de enxurrada por debaixo da nossa cama, nada se esparramava, porém. Eu, a menor de onze irmãs, dormia com Sabela e amanheci tão molhada quanto minha Mãe. Lá fora, entretanto, tudo seco (EVARISTO, 2016, p.60).

A sabedoria da mãe de Sabela é constituída por diversas formas de conhecimento, muito além do conhecimento unicamente literário das elites. O conhecimento reside

⁵ Tradução nossa : « En privilégiant l’analyse des exclus, des laissés-pour-compte et des minorités, l’histoire orale a fait apparaître l’importance de mémoires souterraines qui, partie intégrante des cultures minoritaires et dominées, s’opposent à la « mémoire officielle », en l’occurrence la mémoire nationale. Dans un premier temps, cette approche fait de l’empathie avec les groupes dominés étudiés une règle méthodologique⁵ et réhabilite la périphérie et la marginalité. Contrairement à Maurice Halbwachs, elle met l’accent sur le caractère destructeur, uniformisant et opprimant de la mémoire collective nationale. Par ailleurs, ces mémoires souterraines qui poursuivent leur travail de subversion dans le silence et de façon presque inaperçue affluent à des moments de crise en de brusques sursauts exacerbés⁵. La mémoire devient enjeu. Les objets de recherche sont choisis de préférence là où il y a conflit et compétition entre mémoires concurrentes» (POLLAK, 1993, p. 18).

literalmente no corpo dela, mas também nos saberes e em outras culturas. Há uma alusão à mãe de Sabela como sendo a “Mulher dos mil olhos”, o que poderia ser visto como uma referência direta à deusa chinesa Kuan Yin, considerada a deusa dos mil braços e mil olhos. Com seus olhos, ela consegue, simbolicamente, olhar por todos, já que o seu nome significa “a que ouve aos clamores ou gritos do mundo”. Sua figura é comparada à da Virgem Maria, sendo Mãe criadora qualificada de “Deusa virgem”.

Voltando à “Sabela”, existe uma nítida vontade de questionar os sistemas hegemônicos de poder presentes na sociedade brasileira. A imagem do dilúvio traz a ideia de uma necessária ruptura no mundo que existia antes, e na possibilidade de reconstruí-lo a partir de outros valores. A insistência do prefeito em não ouvir os avisos de Sabela sobre o dilúvio que estava prestes a acontecer reflete a exclusão dos saberes ancestrais afro-brasileiros da parte das elites da sociedade: “Na cidade onde morávamos, as pessoas, principalmente os adultos letrados custaram a aceitar ou perceber o corpo sábio de Sabela.” (EVARISTO, 2016, p.60)

Sabela, por sua vez, acolhe todo tipo de conhecimento e cultura. Nota-se o fervor à fé católica, que, no processo do sincretismo religioso brasileiro, se mistura com outras religiões:

E, por entre os clamores a Cristo e a Santa Bárbara, aos poucos a voz de Mamãe ia alteando e por contágio a nossa, a de minhas irmãs e a minha. Não sei em que momento exato, o tom da nossa oração mudava. Uma fé engrandecida saltava de nossas preces, que se estendiam a outras regiões divinas. E então o nosso clamor terminava em canto e dança. Entoávamos cantigas para Iansã, pois é ela quem comanda os ventos, os raios, as tempestades, e poderia, caso quisesse, aplacar o furor das águas que ameaçava a cidade (EVARISTO, 2016, p.62).

Apesar de nunca serem realmente nomeados, a narrativa identifica três matrizes como sendo os três povos, as famosas “três raças” constituintes da nação brasileira. O povo “palavi” é identificado como aquele que já estava presente na terra antes da chegada dos colonos, e que, aos poucos, foi obrigado a ser cada vez mais confinado e acuado na própria terra, faltando espaço, numa clara referência aos povos ameríndios do Brasil. Depois, são evocados os ancestrais de Sabela, que, apesar de também terem sido renomeados através de nomes fictícios, podem ser identificados como os africanos, pelas consonâncias dos nomes e sobretudo pela história sofrida. É dito claramente que não haviam nascido naquele lugar:



As ancestrais de Sabela haviam nascido em algum lugar, uma terra que poderia ser: Mambela, Zimbela, Kumbela, Umbela...As pesquisas foram interrompidas neste ponto. Souberam apenas que as mulheres antecessoras de Sabela, assim como os homens, isto é, todo o povo predecessor de Vovó tinha vindo de longe, muito longe. Povos que tinham vindo pelos caminhos das águas. Corria a história de que as águas salgadas do mar, no momento em que esses povos, por vários motivos, faziam uma forçada travessia, gemiam sons dolorosos, como se fossem humanos lamentos (EVARISTO, 2016, p.65-66).

Nota-se que toda a descendência de Sabela é contada através das mães, também chamadas “Sabelas”, o que indica uma estrutura familiar matrilinear, presente em muitas sociedades africanas pré-coloniais e que faz eco ao poema “Vozes-Mulheres” da autora. O povo dela acaba por se assemelhar ao “povo Sabela”. Enfim, vêm os lindorgalenses, os goldenses e os benevutos, aqueles que fugiram de guerras em seus respectivos países, mas acabaram por fomentar outras na nova terra. Eles são a representação dos colonos europeus. Apesar das hierarquias sociais, depois do dilúvio, todos se encontram no mesmo plano e sofrendo com a mesma vulnerabilidade.

A narradora, pela perspectiva dos afrodescendentes no Brasil, apresenta a água como elemento purificador e aponta para um possível recomeço depois do dilúvio. A referência ao retorno à “casa materna” pode também ser lida como a alegoria do ventre materno e do líquido amniótico:

Houve ainda quem acreditasse estar empreendendo a viagem de volta. Esses arrancavam todas as vestes do corpo, tanto os adultos como as crianças, e se davam às águas. Era como se quisessem apagar qualquer lembrança do território em que estavam vivendo até então. E entoando canções de júbilo afirmavam, uns aos outros, que estavam prestes a atingir a terra da salvação, pois estavam retornando para a casa materna (EVARISTO, 2016, p.73).

A vontade de se purificar pela água e de “apagar qualquer lembrança do território em que estavam vivendo até então” é reveladora do sofrimento vivido pelos escravos e seus descendentes no Brasil. Por isso, as injustiças sociais e o racismo, apesar de não serem temas principais do conto, são onipresentes, mesmo que seja de maneira alegórica. Como o explicou Sousa (2016), as desigualdades sociais podem aparecer como fator determinante pelas deficiências das estruturas históricas e sociais:

A relação de poder que subjuga as classes subalternas e sustenta o fosso social aparece nas narrativas como fator determinante das deficiências das estruturas históricas e sociais. Conceição Evaristo nos põe em um lugar inquietante e desafiador, como se clamasse para uma leitura não passiva, nem pacífica. O que se conta, através do figurativo, do alegórico e do simbólico, engendra-se a partir dos fatos e de suas consequências históricas, que incidem na vida cotidiana, onde pobres – negros e não negros, despertados em suas masculinidades e feminilidades –, rompem com o preestabelecido, revelando nos “líquidos” corpos a veia da resistência. (SOUSA, 2016, p.108)

Como muitos outros autores afro-brasileiros da sua geração, Conceição Evaristo recorre às vezes a imagens provenientes de uma África ancestral que pertencem à memória coletiva. O recurso à essa memória longa vinda da África pode servir de legitimação da matriz africana como componente essencial à formação da nação brasileira. Rita Olivieri-Godet emitiu a hipótese de um processo de discurso iniciado pelos afrodescendentes e indígenas no Brasil, a fim de poder romper com o “silêncio da memória”:

Se, como o indica Bouchard, a memória longa não faz parte das estratégias simbólicas usadas pelas elites brasileiras na construção do imaginário coletivo nacional, os povos misturados ao processo de formação da nacionalidade se apropriaram desse recurso para se legitimar enquanto componentes verdadeiros dessa nação. Escreveram e revelaram o percurso diferenciado da sua própria história e de sua memória, dissolvidas na ideologia da mestiçagem que faz referência ao modelo ocidental. Atentos ao “silêncio da memória”, os afrodescendentes e os povos ameríndios do Brasil se engajaram num processo de produção do discurso, para poder curar a amnésia da sociedade brasileira e romper com a construção autoritária e unívoca da identidade nacional elaborada pelas classes hegemônicas (OLIVIERI-GODET, 2016, p.9)⁶

O conto se inscreve nessa vontade de romper com o “silêncio da memória” descrito acima por Olivieri-Godet. Ao revelar os singulares percursos das vozes até então historicamente minorizadas e silenciadas pela sociedade brasileira, Conceição Evaristo se

⁶ Si comme l'indique Bouchard la mémoire longue ne fait pas partie des stratégies symboliques utilisées par les élites brésiliennes dans la construction de l'imaginaire collectif national, les peuples mélangés au processus de formation de la nationalité ont fait leur cette ressource pour se légitimer en tant que composants véritables de cette nation. Ils ont écrit et révélé le parcours différencié de leur propre histoire et de leur mémoire dissoutes dans l'idéologie du métissage qui fait référence au modèle occidental. Attentifs au « silence de la mémoire », les descendants d'Africains et les peuples indiens du Brésil se sont engagés dans un processus de production de discours afin de guérir l'amnésie de la société brésilienne et de rompre avec la construction autoritaire et univoque de l'identité nationale élaborée par les classes hégémoniques (OLIVIERI-GODET, p.9).



inscreve numa iniciativa de reescrita da História. Essa reescrita deve se realizar através da superposição de várias vozes culturais. O sincretismo presente no conto é mais um indício para tal perspectiva:

Foi nas águas das chuvas que perdi a minha carranca, máscara que colocaram em meu rosto e que eu deixei. Naquele feroz aguaceiro, nem Noé, salvaria tanta gente para recomeçar o mundo. Não precisei da Arca, se ajuda divina tive, com certeza foi de outros deuses. (EVARISTO, 2016, p.94)

Várias personagens do conto, como na citação acima, fazem referência a “outros deuses”. Assim, apesar das referências bíblicas, o conto se revela como uma gênese do povo brasileiro, desta vez contado a partir da perspectiva das minorias. Trata-se de um processo de inclusão de todas as culturas formadoras da nação. Sem apagar ou silenciar um aporte cultural em favor do outro. Mesmo assim, existe a ideia que, mesmo sendo contada por vozes plurais, a História nunca ser inteiramente verdadeira, muito menos objetiva.

Além disso, nota-se que alguns dos principais lugares que se salvaram do dilúvio – a cadeia, o prostíbulo e o hospital para pessoas consideradas insanas—são ilustrações perfeitas de lugares de marginalização e de pessoas consideradas fora do eixo e da ordem moral da sociedade:

Mas não foi só a nossa casa que não ruiu, outras também resistiram. Salvaram-se a maternidade, a casa da mãe do prefeito, o hospital, em que ficavam encarceradas as pessoas julgadas insanas, a única cadeia da cidade e o prostíbulo. Permaneceram também ilesos o prédio da escola e o circo de uma família de ciganos, os vencianos, protegidos sob as lonas do picadeiro. Sabela com a sua força para-raios nos livrou do mal da água, assim como nos livrou do mal do fogo, do frio e da fome (EVARISTO, 2016, p.83).

Para falar sobre reescrita da história a partir das vozes que foram historicamente apagadas da narrativa nacional, é preciso estabelecer o quadro dentro do qual a matéria para essa reescrita – em outras palavras, as memórias – estão circulando e qual seria o seu funcionamento.

2. A transmissão da memória

Na obra de Conceição Evaristo, a transmissão da memória aparece como elemento fundamental da narrativa. Trata-se de uma resposta às imposições de uma sociedade hegemônica que tentou, no decorrer do tempo, apagar as memórias coletivas dos grupos minorizados. Nesse contexto, o ressurgimento dessas memórias constitui um ato de resistência contra uma sociedade hegemônica. Além disso, não podemos omitir o fato de que a transmissão da memória foi enfraquecida pelo processo de inferiorização cultural que existe em todo ato de colonização.

Isso se torna ainda mais verdadeiro quando nós pensamos na comunidade afro-brasileira, cuja memória foi silenciada durante vários séculos. Assim, essa memória se constitui a partir das suas falhas de transmissão, das suas perdas de sentido e das suas tensões. Não se trata de um processo óbvio, nem mesmo harmonioso. Ao destinatário dessas lembranças coletivas caberá a difícil tarefa de conservação e de transmissão pelas gerações futuras. No entanto, terão que preencher certas lacunas, para poder finalmente se apropriar dessas memórias que não lhes pertencem. A ligação entre memória e diáspora é constituída de tensões. No caso das comunidades diaspóricas, os membros operarão uma seleção em suas memórias, que serão depois transmitidas para as novas gerações. Podemos então falar de processos de rememoração, apagamento, recriação e transmissão que estaria na base da fundação de uma memória coletiva diaspórica. (PALMERO, 2017, p. 120)

Em “Sabela”, existe uma preocupação muito forte em salvaguardar e manter as memórias para as gerações seguintes, muito tempo depois da morte dos detentores da memória da comunidade, o que apagaria as suas histórias: Sousa (2016), as desigualdades sociais podem aparecer como fator determinante pelas deficiências das estruturas históricas e sociais:

Depois da passagem de Sabela para o outro estágio do viver, fiquei preocupada em recuperar os fios dos acontecimentos. Não tendo mais com quem repartir tantas lembranças, tive receio de que a memória sufocada dentro de mim, se calasse para sempre, se transformando em esquecimento. O que fiz? Fui em busca das pessoas que tinham na época experimentado os fatos, para pedir que narrassem tudo novamente. Percebi então muitos sentidos de uma mesma história (EVARISTO, 2016, p.84).



Sabela, ciente das deficiências da própria memória e das inevitáveis divergências de perspectivas, se propõe a escrever uma história do dilúvio baseada na pluralidade das vozes, pedindo para várias pessoas marginalizadas e que se salvaram, contassem a sua versão do acontecimento:

Das histórias, não sei dizer qual é mais. Como uma laboriosa aranha, tento tecer essa diversidade de fios. Não, meu labor é menor, os fios já me foram dados, me falta somente entretecê-los, cruzá-los e assim chegar à teia final. Tento apreender a história e seus sentidos (EVARISTO, 2016, p.101).

No processo de reescrita da História, o papel da literatura é de permitir a emergência de memórias subterrâneas, e de trazer uma série de questões relacionadas ao seu apagamento sistemático. Essas memórias, deliberadamente silenciadas pela História oficial, servindo a impor uma perspectiva hegemônica sobre o passado de um grupo cultural. No entanto, vimos em muitas ocasiões que, certas memórias, que as grandes estruturas tinham tentado apagar, conseguiram se manter pois foram transmitidas em estruturas de comunicação informal. É o caso das lembranças vergonhosas, proibidas e indizíveis:

As lembranças proibidas (o caso dos crimes de Stalin por exemplo), indizíveis (o caso dos deportados) ou vergonhosas (o caso dos incorporados à força) são transmitidas em estruturas de comunicações informais ou associativas, enquanto continuam despercebidas pela sociedade afora. Mais uma vez, as lembranças se modificam, em função daquilo que é dito no presente, em reação aquilo que é dito ao seu redor; em função das condições materiais de transmissão (suporte oral ou escrito, institucional ou clandestino) e, no longo prazo, das relações mantidas entre as gerações. Essas diversas memórias se transmitem e se constroem muitas vezes independentemente uma das outras, umas contra as outras, mas há também pontos de encontro, conjeturas favoráveis à confrontação pública (POLLAK, 1993, p. 27)⁷.

Quando Michael Pollak fala em estruturas de comunicação informais, pensamos na oralidade usada pelos afro-brasileiros para manter suas memórias, tradições e culturas. Nesse

⁷ Tradução nossa: “Les souvenirs interdits (le cas des crimes staliniens, par exemple), indicibles (le cas des déportés) ou honteux (le cas des incorporés de force) sont transmis dans des structures de communications informelles ou associatives tout en restant inaperçus de la société environnante. Là encore, les souvenirs se modifient, en fonction de ce qui se dit au présent, en réaction à ce qui se dit autour de soi ; en fonction des conditions matérielles de transmission (support oral ou écrit, institutionnel ou clandestin) et, à plus long terme, des rapports entretenus entre générations. Ces différentes mémoires se transmettent et se construisent souvent indépendamment les unes des autres, les unes contre les autres, mais il y a aussi des points de rencontre, des conjonctures favorables à la confrontation publique. (POLLAK, 1993, p. 27)

caso, o grupo minorizado tenta guardar preciosamente todas essas memórias proibidas, para mantê-las vivas ao decorrer do tempo:

Indivíduos e certos grupos podem insistir em cultivar exatamente aquilo que os quadros de uma memória coletiva, num nível mais global, se esforçam em minimizar ou apagar. Se a análise do trabalho de enquadramento, dos seus agentes e de suas marcas materiais é uma chave para estudar de cima como as memórias coletivas são construídas, desconstruídas ou reconstruídas, o caminho inverso, aquele que, com os meios da história oral, partindo das memórias individuais faz transparecer os limites desse trabalho de enquadramento ao mesmo tempo que um trabalho psicológico do indivíduo que tende a dominar as feridas, as tensões e as contradições entre a imagem oficial do passado e suas memórias pessoais (POLLAK, 1993, p.35)⁸.

Assim, como nos explicou Pollak, se as memórias coletivas contribuem em instituir uma ordem social, a memória individual é feita de um equilíbrio precário, feito por uma multidão de contradições e tensões (POLLAK, 1993, p. 38).

Ao contar « uma história sagrada que ocorreu no começo dos tempos » (ELIADE, 1963, p. 85), a autora se reapropria da gênese do povo afrodescendente antes da colonização. No conto, a personagem de Sabela sempre destaca o fato de que não vai poder resgatar as memórias por inteiro, sempre haverá falhas e divergências de perspectiva. Assim, Sabela admite que o seu relato nunca será inteiro, verdadeiro, ou totalmente fiel à realidade:

De muita gente que se salvou eu não vou contar a história. É muito para um só dizer; outros contarão depois ou silenciarão para sempre. Há também o registro considerado oficial do evento. O relato foi escrito por um parente distante do prefeito, que se salvando se dispôs a escrever os acontecimentos, carregando nas tintas alguns fatos. Talvez, eu também possa estar carregando no peso de algumas palavras (EVARISTO, 2016, p.79-80).

Da mesma maneira, algumas personagens para as quais Sabela pediu que contassem a sua versão chegam a questionar o peso da sua verdade e da sua versão da história, já que

⁸ Tradução nossa : « Des individus et certains groupes peuvent s'entêter à vénérer justement ce que les encadreurs d'une mémoire collective à un niveau plus global s'efforcent de minimiser ou d'éliminer. Si l'analyse du travail d'encadrement, de ses agents et de ses traces matérielles, est une clé pour étudier par en haut comment des mémoires collectives sont construites, déconstruites et reconstruites, la démarche inverse, celle qui, avec les moyens de l'histoire orale, part des mémoires individuelles fait apparaître les limites de ce travail d'encadrement en même temps qu'un travail psychologique de l'individu qui tend à maîtriser les blessures, les tensions et les contradictions entre l'image officielle du passé et ses souvenirs personnels. (POLLAK, 1993, p. 35)



todos, de alguma forma, pertencem a segmentos da população que sempre foram marginalizados. Na nossa opinião, esse processo serve justamente para demonstrar a importância das suas palavras na reconstrução das suas memórias:

Quando a filha de Sabela me pediu para que eu contasse a história da maior chuva que abateu sobre a cidade, pensei muito. Que importância teria a minha fala? E depois, o que passou, passou. A minha dúvida maior é que talvez eu saiba pouco sobre a chuva. Não vivi a chuva, vivi a solidão das águas (EVARISTO, 2016, p.85).

Por isso, a suma de todos esses relatos que pertencem a vozes historicamente marginalizadas pela população brasileira demonstra toda a sua pertinência na hora de reescrever a gênese do povo brasileiro. Assim, o relato coletivo procura dar conta tanto das vozes dos que se salvaram tanto das vozes dos que ficaram perdidos na água:

A história que Sabela nos contou, e que eu reconto a partir da palavra-vivência dela, é um relato constituído de nossos corpos, tanto os que foram salvos, como os que perdidos na água ficaram. Em nossos corpos, memória e água. Sei que dizer algum dá conta do acontecimento. Palavra alguma, seja ela falada, escrita, consagrada, repudiada, inventada, nada diz tudo. Por isso várias, muitas. [...] Sempre recontando a história das águas, conto a de Sabela, a minha e a de tantas pessoas. Vozes múltiplas e diversas me ajudam a ampliar, a aprofundar o sentido da história. Há ainda vazios, eu sei (EVARISTO, 2016, p.102).

No relato final, não existe distinção entre a História oficial, a versão “letrada”, como a que aparece no jornal antigo da cidade, ou entre os relatos transmitidos oralmente, num quadro informal e popular. No trecho acima, a narradora ressalta a importância da multiplicidade das vozes para construir uma narrativa que realmente daria conta da riqueza e da diversidade dos povos constituintes da nação brasileira. No entanto, ela ainda admite que, inevitavelmente, ainda haveria de ter vazios, lacunas. Podemos emitir a hipótese de que, a escrita de Conceição Evaristo, assim como a escrita de novos autores afro-brasileiros de uma geração mais nova podem, pouco a pouco, tentar preencher todas as falhas e lacunas dessas histórias que tinham sido historicamente silenciadas pelo poder hegemônico brasileiro. O ressurgimento dessas vozes outrora apagadas aponta para o estabelecimento de uma nova ordem social, mais justa e que levaria em conta todos os talentos e saberes que constituem a cultura brasileira.

Conclusões

A análise de diversos modos de transmissão da memória coletiva nos permitiu entender melhor a importância dos quadros de transmissão memoriais informais ao se tratar de uma identidade minorizada por um poder hegemônico excludente. Esses quadros de transmissão informais, como os objetos, os grupos familiares ou comunitários, constituíram atos de resistência para conservar identidades culturais ameaçadas. Aqui, todo o interesse da literatura se demonstra no fato de poder materializar memórias que geralmente são transmitidas oralmente.

Além disso, se nós identificamos a escrita como uma ferramenta outrora reservada a uma elite da sociedade que exclui os afro-brasileiros da narrativa nacional, a tomada de palavra de Conceição Evaristo, assim como a reabilitação da memória coletiva da sua comunidade adquire um sentido simbólico e político.

Referências

- DERIVE, Jean. L'Afrique: mythes et littératures. In : D.Chauvin ; A. Siganos ; P.Walter. **Questions de mythocritique**, Imago. pp. 11-20, 2005.
- EVARISTO, Conceição. **Histórias de leves enganos e parencças**. Rio de Janeiro: Malê, 2016.
- ELIADE, Mircea. **Aspects du mythe**. Paris : Folio, 1963.
- ELIADE, Mircea. **Mythes, rêves et mystères**. Paris : Folio, 1957.
- GLISSANT, Édouard. **Le discours antillais**. Paris : Gallimard, 1997.
- MEMMI, Albert. **Portrait du colonisé précédé du portrait du colonisateur**. Paris : Éditions Payot, 1973.
- OLIVIERI-GODET, Rita. Amérindiens et Noirs dans l'espace de la représentation. In : OLIVIERI-GODET, R. (Org.) **Cartographies littéraires du Brésil actuel : espaces, acteurs et mouvements sociaux**. Bruxelles : Éditions scientifiques internationales, 2016.
- POLLAK, Michael. **Une identité blessée**. Paris : Éditions Métailié, 1993.
- SOUSA, Assunção. A fortuna de Conceição - Posfácio a Histórias de leves enganos e parencças In: EVARISTO, Conceição. **Histórias de leves enganos e parencças**. Rio de Janeiro: Malê, 2016.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Artigo recebido para publicação em: 03 de novembro de 2021.
Artigo aprovado para publicação em: 18 de novembro de 2021.